

## Editorial à moda antiga

*Éditorial*

LUCIA MARIA DE FREITAS PEREZ

É com muita alegria que apresentamos o primeiro número da edição de 2023 de nossa Revista, com mais uma novidade: a seção temática *Psicanálise e Estética*, coordenada por Tarcísio Greggio. Edição que contempla em seu corpo oito artigos: quatro de nossa tradicional seção de *Temas Livres*, quatro da referida seção temática, além da Resenha e da publicação de um resumo de dissertação e um de tese. Como marca comum dessas diferentes produções destaca-se a força da palavra.

Bem sabemos que a orientação sugerida aos novos editoriais privilegia o formato de um artigo que, de certo modo, funcionaria como a espinha dorsal do número em questão. Nós, entretanto, marcados por essa tradição tecida nos 21 anos de existência de *Psicanálise & Barroco em Revista* – e absorvidos pela riqueza dos diferentes trabalhos selecionados para esta edição –, optamos por apresentá-los à moda antiga, de modo que o leitor possa ter uma visão panorâmica do que encontrará nas páginas a seguir.

Dessa forma, partilhamos com vocês algumas impressões desses textos, esperando estimulá-los a aprofundar reflexões cruciais que fazem o cruzamento da psicanálise com áreas como Arte, Antropologia, Literatura, Sociologia, Linguística, Saúde Mental e Memória Social.

O primeiro deles, assinado por Bruno Wagner Goytaká Santana, Betty Bernardo Fuks e Ana Paula G de Farias, é um ensaio fortemente instigante. Partindo da noção lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem, os autores buscam refletir sobre as consequências da proibição formal, ocorrida no século XVIII, da Língua Geral Brasileira falada nos trópicos em prol de sua substituição pelo idioma corrente na

metrópole. Valendo-se de aportes de vários campos do saber – como linguística, antropologia, sociologia, estudos decoloniais e gramática do tupi –, o artigo sinaliza de maneira extremamente original os modos pelos quais a língua proibida continua, inconscientemente, sendo falada. Nada mais contundente para que se verifique a potência do inconsciente e a radicalidade do simbólico. Afinal, talvez não seja tão fácil – quanto se pode crer – proceder à interceptação de uma mensagem. Bem se sabe que, em termos psicanalíticos, a colonização portuguesa teve como meta instalar o estado de isolamento e clausura dos povos indígenas por meio de uma aculturação também de ordem linguística. E, dado que a linguagem é constitutiva da experiência psicanalítica tanto quanto o inconsciente é estruturado como linguagem, os autores concluem fazendo um apelo a que os psicanalistas se comprometam em descolonizar o vocabulário psicanalítico.

Numa perspectiva diferente do artigo acima mencionado, mas sem deixar o curso da investigação da força da palavra, e mesmo adentrando suas implicações, o artigo de Alexandre Maurício Fonseca de Azevedo e Natacha Jaccoud Bitar vai na direção de pensar de que modo as transformações sociais alteram a forma como o sujeito se reconhece no discurso social. Os autores refletem sobre o que propõem como *palavra digna*, aquela que se opera na “cura analítica” ou “cura de simbolização”, em contraponto com a linguagem que se inscreve, cada vez mais, nas comunicações virtuais – e seus efeitos sobre as formas de identificação do Eu. O texto enfatiza o poder *transforma-a-dor* da experiência analítica, que tangencia a linguagem poética e metafórica, da mesma forma que observa o risco da destituição subjetiva operada pelo “discurso da estupidez” – e o eventual comprometimento da capacidade de reconhecimento de si mesmo, já que a *imagem de si* depende do modo como nos reconhecemos no discurso social. Nesse sentido, as reverberações do ódio, tão presentes nas redes sociais, promovem um estado em que palavra escapa à sua condição de *dignidade*, trazendo à cena o *i-mundo*. Em tempos como o nosso, o artigo traz uma reflexão de fundamental importância.

O terceiro artigo intitulado “A política do psicanalista e a redução de danos no cenário de Guerra às Drogas” traz, na articulação com o campo da saúde mental, valiosa e atualíssima discussão. Tendo como autores Julio Cesar de Oliveira Nicodemos e Ana Paula Marques Bernardo, chama a atenção para os danosos efeitos gerados por certas práticas discursivas que, ao incidirem privilegiadamente sobre territórios marcados pela exclusão, marcam de maneira extremamente violenta corpos desfavorecidos, fixando-os

a uma rede de significantes de cunho pejorativo e desqualificante. Em muitas dessas situações, o uso abusivo de substâncias surge como uma resposta subjetiva na tentativa de aplacar/anestesiá-lo o mal-estar daí decorrente, fato que conduz os autores a problematizar, a partir das diretrizes da atenção psicossocial brasileira, os efeitos de violência produzidos pelo discurso de Guerra às Drogas, interrogando e sustentando o lugar do psicanalista e de suas apostas no âmbito do tratamento possível dos sujeitos em uso abusivo de substâncias psicoativas.

A seguir, finalizando a seção de temas livres e também sustentando uma problematização da maior importância para a necessária atualização dos valores em jogo no âmbito da Reforma Psiquiátrica, Manoel Olavo Teixeira, em “Entre o cérebro e a clínica ampliada: psiquiatria biológica e reforma psiquiátrica no Brasil”, discute mudanças processadas, nos últimos vinte anos, na atenção psiquiátrica no Brasil. O autor critica as distorções produzidas pelo que denomina “reducionismo fiscalista” próprio à psiquiatria biomédica contemporânea, enfatizando que, especialmente em casos de maior gravidade, dado a complexidade dos casos, o quão imprescindível é a utilização de uma abordagem multiparadigmática, integrando corpo, experiência e narrativa. Em seu entendimento é imprescindível que se leve em conta a complexidade dos sujeitos atendidos, em uma práxis de escuta permanentemente ampliada e renovada.

A seção temática é aberta com uma nota de Tarcísio Greggio, apresentando-a e orientando os futuros leitores quanto as concepções de arte e estética que sustentam a escolha dos artigos por parte dos editores. Nesse número inaugural, o primeiro deles, “Agnès Varda, um cinema invocante”, Laene Gama, Daniela Chatelard e Jean-Michel Vivès tiram proveito de três categorias presentes no trabalho da cineasta belga para defender a dimensão invocante como marca singular de sua obra - e, ao ensejo, extrair algumas consequências teóricas do conceito de invocação. Já no artigo “Miles Davis e suas pulsões modais – psicanálise & estética blues”, assinado por Luísa Costa e Guilherme Massara, os autores conduzem o leitor pela diáspora africana na América do Norte para investigar, a partir da noção de estética blues, os conceitos de criação, sublimação e refundação na obra de Miles Davis.

Mauro Gabriel Morais, por sua vez, acompanha um certo traçado presente na literatura contemporânea para contornar o vazio que encontrou no lugar de um pai, o seu próprio, que se retirou da vida um pouco antes do filho chegar; “Memória e ficção: entrelaçamentos, espelhamentos e o realismo brasileiro” é um texto dilacerante. E, por

fim, o leitor chegará à *Agatha e a obra da perda em Marguerite Duras*, trabalho que encerra esta seção temática; nele, Valéria Rilho e Daniela Chatelard investigam a relação entre ponto cego e pulsão escópica em uma cena de incesto de Agatha, de Marguerite Duras.

A seguir, na seção dedicada a publicação de Resenhas, em *Sobre a segunda parte de uma trilogia psicanalítica*, Bruno Wagner Goytaká Santana se debruça com afinco sobre o volume 2 de Elementos da clínica psicanalítica: as implicações do amor, da autoria de Denise Maurano, obra na qual o amor é apresentado como importante operador clínico.

Em nossa seção de Teses e Dissertações, abrimos os trabalhos com o resumo da dissertação de Mauro Reis Albuquerque que nos propõe “A sublimação para além da arte”. Sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Laéria Fontenele, Mauro faz e desfaz as associações entre sublimação e arte percorrendo os textos freudianos e trazendo o seminário de Lacan sobre a ética da psicanálise.

Por último, “Amor, feminino e solidão”, da autoria de Ana Suy, foi a poética tese, defendida em 2021, cujo resumo escolhemos para publicar. Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Rita Manso, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, a tese oferece um estudo rigoroso e refinado sobre o lugar do amor e do feminino na experiência analítica.

Finalizamos esse editorial, agradecendo a todos os que, direta e indiretamente, tornaram essa publicação possível, em especial, ao incansável, competente e imprescindível trabalho de nosso Gerente Editorial, Thomas Speroni, que, aliando entusiasmo e rigor técnico, desempenhou um papel fundamental na materialização, não só dessa, como das duas últimas edições de nosso periódico.

Boa leitura!